U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DA JUSTIÇA E DA DESVIÂNCIA

Grupos Exclusivamente Masculinos e Machismo: O Papel da Identificação em Jovens Adultos

Maria Beatriz Silva Vaz Ribeiro Sampaio

M

2026

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

GRUPOS EXCLUSIVAMENTE MASCULINOS E MACHISMO: O PAPEL DA IDENTIFICAÇÃO EM JOVENS ADULTOS

Maria Beatriz Silva Vaz Ribeiro Sampaio

Outubro 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área de especialização de Psicologia da Justiça e da Desviância, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Celina Manita*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, a autora declara que recorreu a ferramentas de Inteligência Artificial durante o processo de elaboração deste trabalho. Em particular, utilizou-se o Claude como apoio ao processo de elaboração do trabalho, incluindo a revisão e estruturação textual, e a síntese de informação. O recurso a esta ferramenta limitou-se aos usos descritos, mantendo-se as ideias, a análise, a interpretação dos resultados, a elaboração científica e a redação inicial da Dissertação integralmente da responsabilidade da autora.

Agradecimentos

Antes de mais, quero expressar a minha gratidão a todos aqueles que cruzaram o meu caminho nestes últimos cinco anos e que contribuíram de alguma forma para que chegasse onde cheguei. Levo comigo e com muito carinho todas as memórias destes que foram os melhores anos da minha vida.

Em particular, queria agradecer aos meus pais por acreditarem em mim e por me darem asas para seguir os meus sonhos e às minhas irmãs que são quem me inspira a querer segui-los. Quero agradecer também à minha avó Emília e ao meu avô Nuno, que teria adorado ver a primeira neta a acabar o seu percurso na faculdade. Obrigada, família, por fazerem de mim quem eu sou.

À Professora Doutora Celina Manita, pela sua orientação e contribuição do seu conhecimento e rigor.

Aos meus amigos Beatriz, João, Marta, Miguel, Rita, Serra e Tozé por estarem ao meu lado desde o primeiro dia e por me darem o prazer que foi crescermos juntos. Particularmente, quero agradecer à Rita pelo apoio e paciência durante esta jornada e pela dedicação que só uma amiga como ela seria capaz de demonstrar.

Ao meu ano, por viverem tudo comigo, desde os momentos mais azedos aos momentos mais doces e acima de tudo, pelo império que construímos que há de ser sempre a minha casa.

Ao grupo das férias e à nossa ligação inexplicável, por estarem lá para me ouvirem e por me arrancarem um sorriso sempre que precisei.

Às minhas afilhadas, Lara, Rita, Maria, Violeta, Luísa e Rita, que são uma parte tão importante de mim, que me enchem de orgulho e me fazem querer ser um exemplo e dar sempre o melhor de mim.

À minha amiga Calisto por saber sempre aquilo que preciso e por mover montanhas para me ajudar.

À minha namorada, por toda a ajuda, por me fazer acreditar em mim e por ser o meu porto seguro quando precisei.

E por último, quero agradecer ao NAPCEUP e à ATITUNA por fazerem tudo isto valer a pena. Obrigada por me ensinarem tanto sobre mim, por me fazerem crescer e por me permitirem criar o lugar para o qual hei de querer sempre voltar.

Resumo

O presente estudo analisou se as características associadas ao machismo diferem em função da pertença a grupos formais exclusivamente masculinos, designadamente, de que forma a identificação com o grupo, o tempo de pertença, a perceção de machismo no grupo e a experiência de envolvimento em relações românticas, com mulheres, se associariam a essas características. Participaram 133 homens, entre os 18 e os 25 anos, dos quais 85 pertenciam ou haviam pertencido a grupos deste tipo. Os dados foram recolhidos através de um questionário online. Uma escala desenvolvida para este estudo evidenciou quatro fatores: Negação da Violência e da Discriminação de Género, Expectativas Sexuais e de Posse, Controlo e Tolerância à Violência e Papéis de Género. A pertença a grupos exclusivamente masculinos não se associou a diferenças em nenhum dos fatores. Contudo, uma maior identificação com o grupo associou-se a níveis mais elevados em três dos quatro fatores, mantendo-se a associação com as Expectativas Sexuais e de Posse, quando controladas outras características da pertença, bem como a uma menor perceção de machismo no próprio grupo. A experiência de envolvimento em relações românticas, o tempo de pertença e a perceção da existência de atitudes ou crenças machistas no grupo, não se associaram estatisticamente a esses fatores. A aceitação explícita do controlo e da violência foi praticamente nula, tendo as Expectativas Sexuais e de Posse obtido os valores mais elevados. Os resultados sugerem que a relevância destes grupos depende da relação psicológica que os seus membros com eles estabelecem e que o machismo persiste, sobretudo, sob formas subtis e normalizadas.

Palavras-chave: machismo, grupos exclusivamente masculinos, identificação grupal, masculinidade, jovens adultos

Abstract

This study examined whether characteristics associated with sexism differ according to membership in formal all-male groups, and how group identification, duration of membership, perceived sexism within the group, and experience of romantic relationships with women relate to these characteristics. Participants were 133 men, aged 18 to 25, 85 of whom belonged or had belonged to such groups. The data were collected through an online questionnaire. A scale specifically developed for this study revealed four factors: Denial of Violence and Gender Discrimination, Sexual and Possessive Expectations, Control and Tolerance of Violence, and Gender Roles. Membership in all-male groups was not associated with differences in any of the factors. However, stronger identification with the group was associated with higher levels of three of the four factors, remaining significant for Sexual and Possessive Expectations after controlling for other membership characteristics, stronger identification was also associated with lower perceived sexism within one's own group within one's own group. Romantic relationship experience, duration of membership, and perceived sexism within the group were not associated with the factors. Explicit acceptance of control and violence was virtually absent, whereas Sexual and Possessive Expectations obtained the highest scores. The findings suggest that these groups' relevance depends on the psychological relationship members establish with them, and that sexism persists mainly in subtle, normalised forms.

Keywords: sexism, all-male groups, group identification, masculinity, young adults

Introdução

Desigualdade de Género

O conceito de género remete para uma construção sociocultural que define os atributos e comportamentos socialmente atribuídos a homens e mulheres, resultando em diferenças e desigualdades socialmente reproduzidas, e não determinadas biologicamente (Batista Viana & Soares Sousa, 2016). Deste modo, o género define a maneira como cada cultura delineia expectativas e normas sobre o que homens e mulheres devem ser, criando papéis de género (Fernandes & da Natividade, 2020).

Esta perspetiva é indissociável de dinâmicas de poder que colocam o género masculino numa posição de superioridade, tendo servido de fundamento aos sistemas patriarcais. Surge, por consequência, o conceito de desigualdade de género, que se refere a este estatuto de poder desigual entre homens e mulheres (Wood & Eagly, 2002), manifestado através de diferenças sistemáticas de poder, estatuto e oportunidades que favorecem sobretudo os homens (Bareket & Fiske, 2023). Embora a investigação recente identifique uma diminuição global do machismo, esta tem sido pequena, persistindo atitudes sexistas (Glick et al., 2000; Hammond et al., 2025) que podem resultar em violência de género.

Esta forma de violência, que pode manifestar-se de diversas maneiras, incluindo agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controlo, constitui um problema de saúde pública de âmbito global, bem como uma violação dos direitos humanos (Stewart et al., 2021). Num estudo com jovens adultos, Ortabag et al. (2014) sugerem que a capacidade de reconhecer como violência determinados comportamentos que violam os direitos das mulheres está relacionada com os níveis de risco de os praticar, existindo uma associação entre atitudes face à violência e a sua prática efetiva.

As desigualdades de género manifestam-se também, para além da violência explícita, em expectativas diferenciadas sobre os comportamentos de homens e mulheres, particularmente no domínio da sexualidade (Emmerink et al., 2016). Tradicionalmente, em relacionamentos heterossexuais, espera-se que sejam os homens a iniciar a atividade sexual e que se comportem de uma forma mais dominante, ao contrário das mulheres, das quais se espera que ajam de uma maneira mais submissa e passiva (Endendijk et al., 2022). Estas diferenças enquadram-se no conceito de duplo padrão sexual ou dupla moral sexual, segundo o qual determinados

comportamentos sexuais são avaliados de forma distinta em função do género. Segundo Endendijk et al. (2019), a atividade sexual frequente tende a ser mais esperada e avaliada mais positivamente nos homens do que nas mulheres. Esta diferenciação é também relevante no domínio da coerção e da violência sexual, tendo em conta que, estatisticamente, a maioria dos perpetradores são homens, enquanto a maioria das vítimas são mulheres (Jiménez Aceves Tarzia, 2024).

Identificação Grupal

Compreender estas diferenças exige analisar os processos através dos quais as normas de género são aprendidas e reproduzidas, tendo a literatura sobre masculinidades destacado as relações estabelecidas entre homens como um dos principais contextos de aprendizagem e validação de normas de género (Iacoviello et al., 2022). Deste modo, grupos masculinos funcionam como importantes mecanismos de regulação social, na medida em que recompensam comportamentos considerados compatíveis com a masculinidade dominante e desencorajam expressões que possam ser percecionadas como minoritárias ou desviantes (Bird, 1996). Investigação recente com adolescentes confirma que a aceitação e o estatuto nos grupos de pares dependem, em parte, da adoção de comportamentos associados à masculinidade tradicional, e experiências de tratamento negativo pelos pares associam-se a uma maior adoção destes comportamentos (Shawcroft et al., 2024). Este processo ocorre frequentemente de forma implícita, não sendo necessário que existam regras formais para que os membros do grupo compreendam quais os comportamentos valorizados e quais aqueles que poderão conduzir à perda de estatuto ou ao afastamento do grupo (Hyde et al., 2009).

A Teoria da Identidade Social, proposta por Tajfel e Turner (1979), permite compreender os mecanismos de influência anteriormente descritos. De acordo com esta teoria, uma parte significativa da definição que os indivíduos fazem de si próprios deriva da sua pertença a grupos sociais, sendo a identidade social construída a partir da categorização do próprio e dos outros em diferentes grupos. A pertença grupal torna-se, assim, psicologicamente relevante na medida em que os indivíduos não são influenciados apenas pela pertença a um grupo, mas também pela sua identificação com este (Tajfel & Turner, 1979).

A pertença a um grupo social não só constitui uma categoria de identificação, como também influencia as atitudes e os comportamentos dos seus membros através da interiorização das normas grupais dominantes (Terry & Hogg, 1996). Quando um indivíduo atribui importância à sua pertença a determinado grupo, as normas desse grupo tornam-se

progressivamente mais relevantes para orientar o seu comportamento, funcionando como critérios de avaliação das próprias ações e das ações dos outros membros (Terry & Hogg, 1996). Assim, quanto maior for a identificação com o grupo, maior tende a ser a influência exercida pelas suas normas sobre as atitudes individuais (Klik et al., 2025) e, simultaneamente, a conformidade com essas normas reforça o sentimento de pertença e consolida a identidade social do indivíduo (Klik et al., 2025).

Neste sentido, a influência de um grupo sobre os seus membros depende não apenas da intensidade da identificação, mas também do conteúdo da identidade grupal e das normas que lhe estão associadas (Klik et al., 2025). Esta influência é, contudo, mais forte quando a identidade social é saliente no contexto em que o indivíduo está (Rathbone et al., 2023).

Construção da Masculinidade na Juventude

Esta influência normativa torna-se particularmente evidente durante a juventude, período em que a necessidade de aceitação pelos pares assume uma importância acrescida. Hyde et al. (2009) demonstram que muitos jovens experienciam uma tensão constante entre os seus valores pessoais e as expectativas do grupo, particularmente no domínio das relações afetivo-sexuais. Assim, a necessidade de corresponder às expectativas dos pares conduz muitos jovens a adotar comportamentos que não refletem necessariamente as suas convicções individuais, mas que permitem preservar o seu estatuto dentro do grupo (Nielson et al., 2022).

Segundo Dasgupta (2017), esta pertença a grupos de pares influencia significativamente o desenvolvimento da identidade masculina, especialmente durante a adolescência e a adultez emergente. Entre os 18 e os 25 anos, os jovens rapazes encontram-se numa fase do desenvolvimento na qual refletem ativamente sobre os modelos de masculinidade disponíveis, negociando entre conceções mais tradicionais e perspetivas mais igualitárias, num processo contínuo de construção identitária (Anzani et al., 2024).

Na socialização das normas de género, importa considerar o género do agente socializador, uma vez que, de acordo com a teoria da aprendizagem social, os efeitos de imitação e socialização tendem a ser mais prováveis quando os modelos são do mesmo género (Bandura, 1977). Alguns estudos encontraram, de facto, evidência de um efeito de modelagem do mesmo género na influência dos pares (Lindsey, 2016), no que respeita a comportamentos estereotipados de género. Deste modo, os adolescentes poderão identificar-se mais facilmente com modelos do mesmo género, que forneçam informação acerca dos comportamentos e crenças considerados apropriados (Endendijk et al., 2022).

Contudo, os processos de reprodução da masculinidade hegemónica não ocorrem de forma linear ou isenta de contradições. O'Rourke e Haslop (2025) mostram que muitos jovens homens procuram construir uma identidade masculina compatível com valores contemporâneos de igualdade de género, rejeitando explicitamente a etiqueta de "misóginos". No entanto, esta rejeição nem sempre corresponde a uma desconstrução efetiva das normas tradicionais de género, antes a uma negociação entre normas igualitárias e práticas tradicionais, permitindo que determinadas expressões de masculinidade hegemónica permaneçam socialmente aceitáveis (Aho & Peltola, 2023). Estes jovens recorrem frequentemente a estratégias discursivas que lhes permitem apresentar-se como homens respeitadores e igualitários, enquanto simultaneamente minimizam ou justificam comportamentos que reproduzem desigualdades de género (O'Rourke & Haslop, 2025). Além disso, os indivíduos que mais se identificam com o grupo tendem a percecionar as suas práticas como compatíveis com a sua identidade, sendo menos propensos a reconhecer nelas características negativas ou discriminatórias (Doosje et al., 1998).

Adicionalmente, a existência de uma relação entre a pertença a um grupo exclusivamente masculino e as atitudes de desigualdade relativamente às mulheres não significa que todos os grupos masculinos promovam inevitavelmente atitudes machistas (Humphrey & Kahn, 2000; Murnen & Kohlman, 2007). As relações homossociais constituem espaços de interação onde as normas de masculinidade são continuamente produzidas e reproduzidas (Bird, 1996), mas essas normas não são imutáveis, visto que a exposição a normas alternativas pode levar os homens a aderir menos à masculinidade tradicional (Borinca & Gkinopoulos, 2025). O conteúdo das normas grupais não é, por si só, suficiente para compreender a sua influência sobre os indivíduos, sendo igualmente necessário considerar a importância psicológica que o grupo assume para cada um dos seus membros, uma vez que uma maior identificação com o grupo se associa a uma maior adesão às normas percebidas desse grupo (Rathbone et al., 2023).

Além disso, não só uma maior identificação social prediz posteriormente uma maior adesão às normas percebidas do grupo, como a maior adesão a essas normas prediz também uma maior identificação com o grupo (Rathbone et al., 2023). Estes efeitos bidirecionais são observados quando a identidade grupal se encontra particularmente saliente, sugerindo que a identificação e a conformidade normativa se podem reforçar mutuamente ao longo do tempo (Rathbone et al., 2023).

Também a duração da pertença pode ser relevante para a consolidação das normas grupais, uma vez que a permanência prolongada num grupo proporciona mais oportunidades

para que as suas normas sejam observadas, reproduzidas e incorporadas (Levine, 2025; Rathbone et al., 2023). Esta ideia é consistente com a investigação sobre grupos de pares do mesmo género, que os identifica como contextos importantes de socialização, nos quais os comportamentos e as normas de género são transmitidos através de processos de modelagem, reforço e negociação (Kotvas & Strough, 2026).

A duração da pertença pode também contribuir para a consolidação da própria ligação entre o indivíduo e o grupo. Roth et al. (2018) propõem que uma história mais prolongada de pertença pode intensificar a associação entre o grupo e o autoconceito, enquanto pertenças de curta duração e com menor significado pessoal podem resultar numa ligação mais fraca.

Por último, as relações afetivas e sexuais constituem também um contexto relevante para a construção da masculinidade, uma vez que colocam os homens perante expectativas relativas à forma como devem comportar-se enquanto parceiros e à distribuição de poder e responsabilidades na relação. Oliffe et al. (2023) identificaram diferentes formas de masculinidade presentes nas relações íntimas, incluindo formas caracterizadas pela adesão a papéis tradicionais e outras marcadas pelo afastamento desses modelos e pela valorização da igualdade, reciprocidade e justiça.

Esta possibilidade é particularmente relevante, como já referido, durante a adolescência e a adultez emergente, períodos em que as conceções relativas aos papéis de género continuam a desenvolver-se (Kretschmer, 2024). Neste sentido, a experiência de uma relação com uma mulher pode proporcionar aos jovens homens oportunidades de contacto interpessoal que favoreçam a negociação de papéis de género mais igualitários e o questionamento de determinadas conceções tradicionais.

Presente Estudo

Apesar de a literatura da especialidade documentar bem o papel das relações entre os homens na socialização das normas de género, debruça-se sobretudo sobre as relações entre pares de forma geral, sendo menos explorado o papel específico de grupos formais exclusivamente masculinos, como equipas desportivas ou grupos académicos (e.g., tunas). Pelas suas características, estes grupos constituem contextos de socialização particularmente estruturados e duradouros. Compreender se a pertença a estes grupos, e as características dessa pertença, se associam a atitudes ou comportamentos machistas em jovens adultos pode contribuir para orientar intervenções de prevenção da violência de género dirigidas a esta população.

No presente estudo, consideram-se grupos formais exclusivamente masculinos os grupos constituídos apenas por homens, com identidade própria, regras, objetivos e atividades definidos, nos quais os membros participam de forma regular. Por sua vez, as características associadas ao machismo englobam crenças e atitudes que legitimam a desigualdade entre homens e mulheres, incluindo a minimização da violência contra as mulheres, expectativas sexuais diferenciadas em função do género, a tolerância a comportamentos de controlo sobre a parceira e a adesão a papéis de género tradicionais. Estas representações e esquemas cognitivos traduzem-se em comportamentos, socialmente aprendidos e reforçados, que conduzem à manutenção de relações de exploração, dominação e sujeição das mulheres em relação aos homens, perpetuando uma ordem social desigual e sexista (Bareket & Fiske, 2023).

O objetivo geral do presente estudo é, assim, analisar se características associadas ao machismo diferem em função da pertença a grupos formais exclusivamente masculinos, em homens entre os 18 e os 25 anos. Como objetivos específicos, pretende-se: (a) analisar a associação entre identificação com o grupo e características associadas ao machismo; (b) analisar a associação entre o tempo de pertença ao grupo e as características associadas ao machismo; (c) analisar a associação entre as características individuais associadas ao machismo e a perceção de machismo no grupo e (d) comparar as características associadas ao machismo entre homens com e sem experiência de relação romântica com uma mulher.

A presente investigação é orientada pela seguinte questão de investigação: *Em que medida os níveis de características associadas ao machismo diferem entre homens que pertencem ou pertenceram a grupos formais exclusivamente masculinos e homens que não pertencem nem pertenceram a este tipo de grupos?* Esta questão decorre da relevância destes grupos enquanto espaços de interação e socialização entre homens.

Paralelamente, pretende-se explorar características da pertença que possam influenciar o seu impacto no indivíduo, bem como o papel das relações afetivas com mulheres. À semelhança do que Ortabag et al. (2014) observaram relativamente ao reconhecimento de comportamentos violentos, é ainda possível que indivíduos que apresentam mais características associadas ao machismo tenham maior dificuldade em reconhecer como machistas as crenças e os comportamentos partilhados no seu grupo. Assim, foram formuladas quatro hipóteses:

> **Hipótese 1:** *Prevê-se uma associação positiva entre o nível de identificação com o grupo formal exclusivamente masculino e as características associadas ao machismo.*

Hipótese 2: *Prevê-se uma associação positiva entre o tempo de pertença a um grupo formal exclusivamente masculino e as características associadas ao machismo.*

Hipótese 3: *Prevê-se uma associação negativa entre os níveis de características associadas ao machismo dos participantes e a perceção da presença de crenças, comportamentos ou opiniões machistas no grupo formal exclusivamente masculino a que pertencem ou pertenceram.*

Hipótese 4: *Prevê-se que os homens que estão ou estiveram numa relação com uma mulher apresentem níveis mais baixos nas características associadas ao machismo, comparativamente aos homens que nunca tiveram esse tipo de experiência relacional.*

Método

Desenho do Estudo

O presente estudo adotou um desenho quantitativo e transversal, comparando as dimensões acima referidas entre homens que pertencem ou pertenceram já a grupos formais exclusivamente masculinos e homens que nunca pertenceram a este tipo de grupos.

Participantes

Definiram-se como critérios de inclusão que os participantes fossem homens cisgénero, tivessem entre 18 e 25 anos e manifestassem interesse romântico e/ou sexual por mulheres. O recrutamento foi realizado através da divulgação online do questionário, tendo a amostragem sido não probabilística, por conveniência, mediante a adesão voluntária de indivíduos que tiveram acesso ao questionário.

A amostra inicial era constituída por 216 participantes. Destes, 80 foram excluídos por não terem respondido ao questionário na íntegra e três por terem idade superior ao limite máximo definido, pelo que a amostra final é constituída por 133 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos (M = 21.96; DP = 1.86). A caracterização sociodemográfica da amostra é apresentada na Tabela 1. A maioria dos participantes tinha concluído uma licenciatura (43.6%) e 61.7% encontrava-se a trabalhar ou já tinha trabalhado. No que respeita à experiência de relações românticas com mulheres, 114 participantes (85.7%) indicaram estar ou já ter estado envolvidos numa relação, dos quais 78 (68.4%) se encontravam

numa relação no momento da recolha. A duração média da relação considerada mais significativa foi de 28.44 meses (*DP* = 23.65), variando entre 1 e 108 meses. Relativamente à pertença a grupos exclusivamente masculinos, 85 participantes (63.9%) indicaram pertencer ou ter pertencido a pelo menos um grupo deste tipo. Considerando o grupo mais relevante para cada participante, os grupos desportivos foram os mais frequentes (*n* = 43; 50.6%), seguidos dos grupos de natureza académica, como as tunas (*n* = 26; 30.6%).

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Variável	*n*	%
Idade, *M* (*DP*)	21.96 (1.86)	
Grau de escolaridade		
Ensino secundário	37	27.8
Licenciatura	58	43.6
Mestrado	37	27.8
Doutoramento	1	0.8
Situação profissional		
Trabalha ou já trabalhou	82	61.7
Nunca trabalhou	51	38.3
Relação romântica com uma mulher		
Está ou já esteve envolvido numa relação	114	85.7
Nunca esteve envolvido numa relação	19	14.3
Pertença a grupos formais exclusivamente masculinos		
Pertence ou pertenceu	85	63.9
Nunca pertenceu	48	36.1
Finalidade do grupo mais relevante (n = 85)		
Desportivo	43	50.6
Académico (e.g., tuna)	26	30.6
Recreativo ou passatempo	5	5.9
Cultural ou artístico	4	4.7
Profissional	3	3.5
Outro	3	3.5
Religioso ou espiritual	1	1.2

Nota. N = 133.

Os participantes responderam ao questionário de forma voluntária, depois de lhes terem sido apresentados o consentimento informado, os objetivos da investigação, a natureza do estudo e os critérios de participação (Apêndice). Não foram recolhidos dados que permitissem a identificação dos participantes.

Instrumento

Para a recolha de dados, procedeu-se à elaboração e aplicação de um questionário construído para este estudo e disponibilizado online na plataforma *Qualtrics* (Apêndice). A

aplicação online permite alcançar participantes geograficamente dispersos, recolher dados de forma rápida e eficiente e oferecer aos participantes maior flexibilidade (Menon & Muraleedharan, 2020), embora implique riscos de autosseleção e de enviesamento de seleção que poderão limitar a generalização dos resultados (Andrade, 2020). Não tendo sido identificado um instrumento que avaliasse, no seu conjunto, as dimensões relevantes para o presente estudo, optou-se pelo desenvolvimento de um questionário elaborado especificamente para o nosso estudo, em função dos objetivos deste.

Antes de iniciar, os participantes confirmavam a leitura do consentimento informado e o cumprimento dos critérios de inclusão. O questionário propriamente dito era constituído por três secções. Na primeira, para caracterizar a amostra, recolheram-se dados sociodemográficos (idade, área de formação académica, grau de escolaridade, zona de residência, situação profissional e histórico de relações românticas com mulheres), através de perguntas de resposta fechada ou de resposta aberta curta.

Na segunda secção, foram incluídas questões relativas à pertença atual ou anterior a grupos formais exclusivamente masculinos. Em caso de resposta afirmativa, questionou-se o número de grupos frequentados e, relativamente ao grupo considerado mais relevante, a sua finalidade, o tempo de pertença e a frequência de participação nas atividades. Avaliou-se ainda a identificação com o grupo, através de três itens ("Qual foi ou é a importância deste grupo para si?", "Até que ponto é que se identifica com este grupo?" e "Quão ligado se sente aos membros deste grupo?"), e a perceção de machismo no grupo, através de um item ("Em que medida é que, dentro desse grupo, eram partilhadas crenças, comportamentos ou opiniões acerca de mulheres que poderiam ser vistos como machistas?"), ambos respondidos numa escala de Likert de 1 a 5. Em caso de resposta negativa à pertença a grupos, o questionário avançava automaticamente para a secção seguinte.

Por último, foi aplicada uma escala elaborada para a avaliação das características associadas ao machismo – a Escala de Características Associadas ao Machismo (ECAM), composta por perguntas com respostas que variavam entre um grau de concordância de 1 (*Discordo totalmente*) e 7 (*Concordo totalmente*). A escala é composta por 23 itens. O item 1 foi cotado de forma invertida. As pontuações de cada fator foram calculadas através da média dos respetivos itens, correspondendo valores mais elevados a níveis mais elevados de características associadas ao machismo.

A ECAM foi construída com base em três instrumentos previamente desenvolvidos e validados: o *Cuestionario de Actitudes hacia el Género y la Violencia* (Díaz-Aguado & Martínez Arias, 2001), que avalia crenças sexistas sobre os papéis de homens e mulheres, assim como a justificação da violência contra as mulheres; a *Relational Entitlement and Proprietariness Scale* (REPS; Hannawa et al., 2006), que avalia a perceção de direito e de posse sobre o/a parceiro/a, bem como os comportamentos de controlo e vigilância que dela decorrem; e por último, a *Acceptance of Modern Myths About Sexual Aggression Scale* (AMMSA; Gerger et al., 2007), que avalia mitos contemporâneos, frequentemente subtis, que minimizam, justificam ou negam a agressão sexual e a violência contra as mulheres. Procurou-se abranger, num único instrumento, as dimensões mais relevantes para os objetivos do estudo e ajustar as questões e a linguagem usada ao contexto dos participantes. Por se tratar de um instrumento novo, a sua estrutura foi explorada empiricamente.

Procedimento

Após parecer favorável da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, a ligação para o questionário foi divulgada em redes sociais (e.g., Instagram, WhatsApp). A recolha de dados decorreu entre agosto e setembro de 2026. Os dados foram tratados de forma confidencial e anonimizada. No final do questionário, foram disponibilizados contactos de apoio, aos quais os participantes poderiam recorrer, caso a participação no estudo, embora tal não fosse previsível, suscitasse algum tipo de mal-estar.

Procedimentos de Análise de Dados

Os dados foram exportados do *Qualtrics* para o programa IBM SPSS Statistics (versão 31.0). Em primeiro lugar, realizaram-se análises descritivas para a caracterização da amostra e das principais variáveis em estudo, tendo a normalidade das distribuições sido avaliada através dos valores de assimetria e curtose. Para explorar a estrutura dos itens da ECAM, realizou-se uma análise de componentes principais (ACP) com rotação Varimax, tendo sido retidas as componentes com valores próprios superiores a 1. A consistência interna de cada fator foi avaliada através do alfa de Cronbach.

As diferenças nos quatro fatores em função da pertença a grupos exclusivamente masculinos (questão de investigação) e da experiência de relação com uma mulher (Hipótese 4) foram analisadas através de análises de variância multivariadas (MANOVA), tendo sido verificados os pressupostos de homogeneidade das matrizes de covariância (teste *M* de Box) e de homogeneidade das variâncias (teste de Levene). As associações previstas nas Hipóteses 1,

2 e 3 foram analisadas através do coeficiente de correlação de Pearson, incluindo todos os participantes com pertença a grupos e com dados válidos nas variáveis envolvidas. Por fim, realizaram-se regressões lineares múltiplas para analisar o contributo conjunto das características da experiência de pertença para cada um dos fatores. Adotou-se um nível de significância de .05 e, para as correlações e os coeficientes de regressão, foram calculados intervalos de confiança a 95% (IC 95%).

Resultados

Análise do Instrumento

Com o objetivo de explorar a estrutura dos itens destinados à avaliação das características associadas ao machismo, foi realizada uma ACP com rotação ortogonal Varimax. A primeira análise integrou 23 itens; no entanto, procedeu-se à eliminação sucessiva de três deles, uma vez que apresentavam valores de adequação amostral individual (KMO) insuficientes: "A independência económica da mulher constitui um aspeto fundamental da sua autonomia enquanto pessoa" (KMO = .442), "Atualmente, os homens que efetivamente cometem agressões sexuais contra mulheres são punidos de forma justa" (KMO = .590) e "A violência é igualmente condenável quando praticada por homens ou por mulheres" (KMO = .517). Após a sua eliminação, a solução final, constituída por 20 itens, apresentou um KMO global de .854 e o teste de esfericidade de Bartlett foi estatisticamente significativo, $\chi^2(190) = 1064.58$, $p < .001$, sustentando a adequação da matriz de correlações à análise.

Foram retidos quatro componentes com valores próprios superiores a 1, que, em conjunto, explicaram 57.15% da variância total (Tabela 2). O Fator 1, Negação da Violência e da Discriminação de Género, ficou constituído por sete itens, com cargas fatoriais entre .444 e .711 e uma consistência interna adequada ($\alpha = .82$). O Fator 2, Expectativas Sexuais e de Posse, integrou seis itens, com cargas entre .564 e .687 ($\alpha = .79$). O Fator 3, Controlo e Tolerância à Violência, ficou constituído por quatro itens, com cargas entre .689 e .812 ($\alpha = .79$). Por último, o Fator 4, Papéis de Género, integrou três itens, com cargas entre .504 e .739, apresentando uma consistência interna inferior à dos restantes fatores ($\alpha = .61$). A medida de identificação com o grupo apresentou uma consistência interna elevada ($\alpha = .91$).

Tabela 2

Cargas Fatoriais da Análise de Componentes Principais com Rotação Varimax

Item	F1	F2	F3	F4
Fator 1: Negação da Violência e da Discriminação de Género				
14. Interpretar gestos inocentes como "assédio sexual" é uma arma já conhecida na "guerra dos géneros".	**.71**	.35	.09	.12
22. Muitas mulheres tendem a exagerar o problema da violência masculina.	**.68**	.33	.28	.07
10. A violência contra as mulheres existirá sempre, como consequência de diferenças biológicas associadas ao sexo.	**.65**	.08	.09	.22
13. Quando uma mulher é agredida pelo marido, tal poderá dever-se a comportamentos provocatórios da parte dela.	**.59**	.29	.39	-.14
23. Hoje em dia, as mulheres vítimas de violência doméstica recebem demasiada atenção mediática.	**.58**	.12	.50	.04
7. Hoje em dia há muitas queixas de violência contra os homens, feitas por mulheres, que são falsas.	**.55**	.13	-.01	.47
8. O facto de, em muitas empresas, as mulheres terem remunerações inferiores às dos homens no mesmo cargo, poderá dever-se a um menor desempenho por parte das mulheres	**.44**	.33	.07	.38
Fator 2: Expectativas Sexuais e de Posse				
21. Quando um homem e uma mulher iniciam um envolvimento íntimo, as eventuais reservas que uma mulher tenha em relação ao ato sexual tendem a desaparecer.	.07	**.69**	.20	.07
6. Se uma mulher convidar um homem para sua casa para tomar um café após uma saída noturna, isso significa que pretende ter relações sexuais.	.11	**.68**	.07	.17
4. Se uma pessoa do sexo oposto demonstrasse entusiasmo perante a presença da minha parceira, eu sentir-me-ia incomodado.	.20	**.67**	-.03	-.06
12. No que diz respeito ao contacto sexual, as mulheres esperam que sejam os homens a ter iniciativa.	.21	**.60**	-.03	.19
18. É uma necessidade biológica dos homens aliviar a tensão sexual de tempo a tempo.	.34	**.59**	.06	.28
2. Tenho o direito de saber onde e com quem a minha parceira está, ou com quem se relaciona / comunica quando não estou presente.	.17	**.56**	.13	.42
Fator 3: Controlo e Tolerância à Violência				
11. Tenho o direito de verificar o telemóvel da minha parceira e a respetiva lista de chamadas recentes.	.01	.28	**.81**	.16
16. Tenho o direito de vasculhar as gavetas, a mala ou os bolsos da minha parceira.	-.01	-.02	**.79**	.33
20. Em prol do bem-estar dos filhos, ainda que a mulher sofra violência por parte do marido ou companheiro, é preferível que não apresente denúncia.	.31	-.15	**.73**	-.15
17. Se uma mulher é vítima de maus-tratos por parte do companheiro e não o abandona, tal poderá indicar que não é totalmente contra a situação.	.34	.15	**.69**	.06
Fator 4: Papéis de Género				
5. Ser compreensivo e afetuoso é mais importante para as mulheres do que para os homens	.01	.08	.09	**.74**
9. Um bom pai deve afirmar perante a família a sua posição de autoridade	.39	.26	.30	**.50**
3. O aspeto mais importante na vida de uma mulher é a maternidade.	.23	.36	.08	**.51**

Item	F1	F2	F3	F4
% de variância explicada	16.21	16.10	14.78	10.05
α de Cronbach	.82	.79	.79	.61

Nota. $N = 133$. A negrito, a carga no fator em que cada item foi retido. KMO = .854; teste de esfericidade de Bartlett, $\chi^2(190) = 1064.58$, $p < .001$. Variância total explicada = 57.15%. A numeração dos itens corresponde à ordem de apresentação no questionário.

Estatísticas Descritivas e Correlações

As médias, desvios-padrão, valores de assimetria e curtose e correlações entre as variáveis em estudo são apresentados na Tabela 3. Considerando a totalidade da amostra, as Expectativas Sexuais e de Posse apresentaram a média mais elevada ($M = 3.02$; $DP = 1.20$), seguidas dos Papéis de Género ($M = 2.19$; $DP = 1.17$) e da Negação da Violência e da Discriminação de Género ($M = 2.02$; $DP = 0.94$), situando-se todos os fatores abaixo do ponto médio da escala. Os quatro fatores correlacionaram-se positiva e significativamente entre si, com correlações entre .28 e .62.

Para avaliar a normalidade das distribuições, analisaram-se os valores de assimetria e curtose, adotando-se como referência os limites de 2 para a assimetria e de 7 para a curtose (Hoyle, 1995). As Expectativas Sexuais e de Posse (assimetria = 0.31; curtose = −0.52), os Papéis de Género (assimetria = 0.90; curtose = −0.15) e a Negação da Violência e da Discriminação de Género (assimetria = 1.28; curtose = 2.14) apresentaram valores dentro destes limites. Pelo contrário, o Controlo e Tolerância à Violência apresentou uma distribuição fortemente assimétrica e leptocúrtica (assimetria = 5.46; curtose = 41.25), que excede largamente os critérios. Este fator apresentou uma mediana de 1 e uma amplitude interquartil de 0.25, o que indica que pelo menos metade dos participantes obteve a pontuação mínima possível e que os valores mais elevados se devem a um número reduzido de respostas extremas (máximo = 6.50). Estes resultados evidenciam um efeito de chão acentuado, pelo que as análises paramétricas que envolvem este fator devem ser interpretadas com cautela.

Tabela 3

Médias, Desvios-Padrão, Assimetria, Curtose e Correlações de Pearson entre as Variáveis em Estudo

Variável	*M*	*DP*	Assim.	Curt.	1	2	3	4	5	6
1. Negação da Violência e da Discriminação de Género	2.02	0.94	1.28	2.14	—					
2. Expectativas Sexuais e de Posse	3.02	1.20	0.31	-0.52	.62**	—				
3. Controlo e Tolerância à Violência	1.28	0.61	5.46	41.25	.48**	.28**	—			
4. Papéis de Género	2.19	1.17	0.90	-0.15	.53**	.55**	.36**	—		
5. Identificação com o grupo	3.53	1.17			.27*	.27*	.11	.33**	—	
6. Perceção de machismo no grupo	2.40	1.22			.00	.04	.18	-.03	-.29**	—

Nota. Variáveis 1 a 4: $N = 133$ (escala de 1 a 7); erro-padrão da assimetria = 0.21 e da curtose = 0.42. Variáveis 5 e 6 e respetivas correlações: $n = 85$ (participantes com pertença a grupos; escala de 1 a 5). Assim. = assimetria; Curt. = curtose. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Diferenças em Função da Pertença a Grupos Exclusivamente Masculinos

Para responder à questão de investigação, analisaram-se as diferenças nos quatro fatores entre os participantes que pertenciam ou tinham pertencido a grupos exclusivamente masculinos ($n = 85$) e aqueles que nunca tinham pertencido a este tipo de grupos ($n = 48$). Os participantes com experiência de pertença apresentaram médias de 2.04 ($DP = 0.96$) na Negação da Violência e da Discriminação de Género, 3.04 ($DP = 1.16$) nas Expectativas Sexuais e de Posse, 1.26 ($DP = 0.66$) no Controlo e Tolerância à Violência e 2.21 ($DP = 1.17$) nos Papéis de Género. Entre os participantes sem experiência de pertença, as médias foram, respetivamente, 1.99 ($DP = 0.92$), 2.97 ($DP = 1.28$), 1.33 ($DP = 0.52$) e 2.17 ($DP = 1.19$).

O teste *M* de Box não foi estatisticamente significativo, $M = 11.95$, $p = .320$, e os testes de Levene também não foram significativos para nenhum dos quatro fatores (todos os $p > .27$). A análise multivariada não revelou um efeito estatisticamente significativo da pertença a grupos exclusivamente masculinos sobre o conjunto dos quatro fatores, Traço de Pillai = .007, $F(4, 128) = 0.24$, $p = .915$, $\eta p^2 = .007$. As análises univariadas não revelaram diferenças significativas na Negação da Violência e da Discriminação de Género, $F(1, 131) = 0.09$, $p = .761$, $\eta p^2 = .001$, nas Expectativas Sexuais e de Posse, $F(1, 131) = 0.13$, $p = .721$, $\eta p^2 = .001$, no Controlo e Tolerância à Violência, $F(1, 131) = 0.43$, $p = .514$, $\eta p^2 = .003$, ou nos Papéis de Género, $F(1, 131) = 0.04$, $p = .847$, $\eta p^2 < .001$. Assim, não foram encontradas diferenças

estatisticamente significativas nos quatro fatores em função da pertença a grupos exclusivamente masculinos.

Hipótese 1: **Identificação com o Grupo e Características Associadas ao Machismo**

Esta análise incluiu todos os participantes com pertença a grupos exclusivamente masculinos (n = 85). A identificação com o grupo apresentou correlações positivas e estatisticamente significativas com a Negação da Violência e da Discriminação de Género, r = .27, IC 95% [.06, .45], p = .014, com as Expectativas Sexuais e de Posse, r = .27, IC 95% [.06, .46], p = .012, e com os Papéis de Género, r = .33, IC 95% [.12, .50], p = .002, que se mantiveram significativas após a correção de Holm (p ajustados = .036, .036 e .010, respetivamente). Não foi encontrada uma associação significativa com o Controlo e Tolerância à Violência, r = .11, IC 95% [-.11, .31], p = .324. Deste modo, a primeira hipótese foi parcialmente suportada, tendo a associação prevista sido observada em três dos quatro fatores.

Hipótese 2: Tempo de Pertença ao Grupo e Características Associadas ao Machismo

Entre os participantes com informação sobre a duração da pertença (n = 63), o tempo de pertença não se correlacionou significativamente com a Negação da Violência e da Discriminação de Género, r = .17, IC 95% [-.08, .40], p = .179, as Expectativas Sexuais e de Posse, r = .18, IC 95% [-.07, .41], p = .157, o Controlo e Tolerância à Violência, r = -.01, IC 95% [-.26, .24], p = .942, ou os Papéis de Género, r = .18, IC 95% [-.07, .41], p = .153. Deste modo, os resultados não sustentaram a segunda hipótese.

Hipótese 3: Perceção de Machismo no Grupo e Características Individuais Associadas ao Machismo

Considerando todos os participantes com pertença a grupos (n = 85), a perceção de machismo no grupo não se associou significativamente com a Negação da Violência e da Discriminação de Género, r = .00, IC 95% [-.21, .22], p = .966, as Expectativas Sexuais e de Posse, r = .04, IC 95% [-.18, .25], p = .737, o Controlo e Tolerância à Violência, r = .18, IC 95% [-.04, .37], p = .108, ou os Papéis de Género, r = -.03, IC 95% [-.25, .18], p = .757. Deste modo, a terceira hipótese não foi sustentada.

Hipótese 4: Experiência de Relações Românticas e Características Associadas ao Machismo

Compararam-se os participantes com (n = 114) e sem (n = 19) experiência de relação romântica com uma mulher. Os participantes com experiência de relação apresentaram médias de 1.99 (DP = 0.95) na Negação da Violência e da Discriminação de Género, 3.02 (DP = 1.23) nas Expectativas Sexuais e de Posse, 1.28 (DP = 0.64) no Controlo e Tolerância à Violência e 2.16 (DP = 1.19) nos Papéis de Género. Entre os participantes sem experiência de relação, as médias correspondentes foram 2.17 (DP = 0.88), 2.96 (DP = 1.01), 1.29 (DP = 0.40) e 2.40 (DP = 1.06).

O teste M de Box não foi estatisticamente significativo, M = 13.18, p = .280. A análise multivariada não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, Traço de Pillai = .018, $F(4, 128) = 0.57$, p = .684, ηp^2 = .018. Também não foram observadas diferenças significativas na Negação da Violência e da Discriminação de Género, $F(1, 131) = 0.60$, p = .440, ηp^2 = .005, nas Expectativas Sexuais e de Posse, $F(1, 131) = 0.04$, p = .845, $\eta p^2 < .001$, no Controlo e Tolerância à Violência, $F(1, 131) = 0.003$, p = .954, $\eta p^2 < .001$, ou nos Papéis de Género, $F(1, 131) = 0.71$, p = .400, ηp^2 = .005. Deste modo, os resultados não sustentam a quarta hipótese.

Uma MANOVA complementar, considerando simultaneamente a experiência de relação e a pertença a grupos (M de Box = 44.20, p = .157), não revelou efeitos significativos da experiência de relação, Traço de Pillai = .019, $F(4, 126) = 0.61$, p = .655, ηp^2 = .019, nem da pertença a grupos, Traço de Pillai = .016, $F(4, 126) = 0.50$, p = .735, ηp^2 = .016. A interação entre ambas as variáveis também não foi estatisticamente significativa, Traço de Pillai = .016, $F(4, 126) = 0.50$, p = .734, ηp^2 = .016. Importa notar que apenas oito participantes pertenciam a grupos exclusivamente masculinos sem terem tido experiência de relação. Complementarmente, entre os participantes com experiência de relação (n = 114), a duração da relação considerada mais significativa não se associou a nenhum dos fatores (r entre -.10 e .04, todos os $p > .26$).

Análise Exploratória: Identificação com o Grupo e Perceção de Machismo no Grupo

Complementarmente, verificou-se uma correlação negativa e estatisticamente significativa entre a identificação com o grupo e a perceção de machismo no grupo, r = -.29, IC 95% [-.47, -.08], p = .007, n = 85, indicando que níveis mais elevados de identificação se associaram a uma menor perceção de crenças e comportamentos machistas no grupo.

Análises de Regressão Linear Múltipla

Por fim, foram realizadas quatro regressões lineares múltiplas entre os participantes com informação completa em todos os preditores (n = 63), utilizando como variáveis preditoras a perceção de machismo no grupo, a identificação com o grupo, o número de grupos exclusivamente masculinos frequentados e o tempo de pertença ao grupo. Cada um dos quatro fatores foi considerado, separadamente, como variável dependente (Tabela 4). Os valores de VIF situaram-se entre 1.10 e 1.20, não sugerindo problemas de multicolinearidade.

O modelo relativo à Negação da Violência e da Discriminação de Género não foi estatisticamente significativo, $F(4, 58) = 1.48$, $p = .219$, $R^2 = .093$, R^2 ajustado = .030, não tendo nenhum dos preditores contribuído significativamente para a explicação deste fator. Relativamente às Expectativas Sexuais e de Posse, o modelo foi estatisticamente significativo, $F(4, 58) = 2.65$, $p = .042$, $R^2 = .154$, R^2 ajustado = .096. A identificação com o grupo constituiu o único preditor estatisticamente significativo, $B = 0.40$, $EP = 0.15$, IC 95% [0.09, 0.71], $\beta = .34$, $t = 2.57$, $p = .013$, pelo que níveis superiores de identificação se associaram a valores superiores nas Expectativas Sexuais e de Posse, mesmo controlando a perceção de machismo no grupo, o número de grupos frequentados e o tempo de pertença.

O modelo referente ao Controlo e Tolerância à Violência não foi globalmente significativo, $F(4, 58) = 1.19$, $p = .327$, $R^2 = .076$, R^2 ajustado = .012. Neste modelo, a perceção de machismo no grupo apresentou um coeficiente positivo estatisticamente significativo, $B = 0.18$, IC 95% [0.01, 0.35], $\beta = .28$, $t = 2.08$, $p = .042$; contudo, uma vez que o modelo global não foi significativo e que este fator apresenta uma distribuição fortemente assimétrica, este coeficiente não deve ser interpretado isoladamente. Por último, o modelo relativo aos Papéis de Género também não foi estatisticamente significativo, $F(4, 58) = 1.53$, $p = .204$, $R^2 = .096$, R^2 ajustado = .033, não tendo sido identificado qualquer preditor significativo.

Tabela 4

Regressões Lineares Múltiplas das Características Associadas ao Machismo em Função das Características da Pertença ao Grupo

Preditor	*B*	*EP*	IC 95% (*B*)	β	*t*	*p*
Negação da Violência e da Discriminação de Género: F(4, 58) = 1.48, p = .219, R² = .093, R² ajustado = .030						
Perceção de machismo no grupo	0.18	0.12	[-0.06, 0.41]	.20	1.51	.138
Identificação com o grupo	0.23	0.14	[-0.06, 0.51]	.22	1.60	.115
Número de grupos	0.01	0.10	[-0.20, 0.22]	.02	0.13	.895
Tempo de pertença	0.003	0.003	[-0.004, 0.010]	.12	0.95	.344
Expectativas Sexuais e de Posse: F(4, 58) = 2.65, p = .042, R² = .154, R² ajustado = .096						
Perceção de machismo no grupo	0.22	0.13	[-0.03, 0.48]	.22	1.75	.086
Identificação com o grupo	**0.40**	**0.15**	**[0.09, 0.71]**	**.34**	**2.57**	**.013**
Número de grupos	0.07	0.11	[-0.16, 0.30]	.07	0.58	.562
Tempo de pertença	0.003	0.004	[-0.004, 0.011]	.11	0.84	.406
Controlo e Tolerância à Violência: F(4, 58) = 1.19, p = .327, R² = .076, R² ajustado = .012						
Perceção de machismo no grupo	**0.18**	**0.09**	**[0.01, 0.35]**	**.28**	**2.08**	**.042**
Identificação com o grupo	0.11	0.10	[-0.10, 0.31]	.14	1.02	.311
Número de grupos	-0.01	0.08	[-0.17, 0.14]	-.02	-0.16	.872
Tempo de pertença	-0.001	0.003	[-0.006, 0.004]	-.03	-0.24	.814
Papéis de Género: F(4, 58) = 1.53, p = .204, R² = .096, R² ajustado = .033						
Perceção de machismo no grupo	0.16	0.14	[-0.11, 0.44]	.16	1.20	.235
Identificação com o grupo	0.30	0.17	[-0.03, 0.63]	.25	1.80	.077
Número de grupos	0.01	0.12	[-0.24, 0.25]	.01	0.07	.943
Tempo de pertença	0.004	0.004	[-0.004, 0.012]	.12	0.95	.348

Nota. $n = 63$. A negrito, coeficientes estatisticamente significativos ($p < .05$). IC = intervalo de confiança. VIF entre 1.10 e 1.20.

De forma global, as regressões reforçaram a associação entre a identificação e as Expectativas Sexuais e de Posse, sem evidência consistente de contributos das restantes características da pertença.

Discussão

O presente estudo procurou analisar se as características associadas ao machismo diferem em função da pertença a grupos formais exclusivamente masculinos e de que forma diferentes aspetos dessa pertença se relacionam com estas características. De forma global, a pertença, por si só, não distinguiu os participantes em nenhuma das quatro dimensões avaliadas. Contudo, entre os participantes com experiência de pertença, uma maior identificação com o grupo associou-se a níveis mais elevados na Negação da Violência e da Discriminação de Género, nas Expectativas Sexuais e de Posse e nos Papéis de Género, bem como a uma menor perceção de machismo no próprio grupo. A experiência de relações românticas, o tempo de

pertença e a perceção de machismo no grupo não se associaram às dimensões avaliadas. Em conjunto, estes resultados sugerem que é a relação psicológica que o indivíduo estabelece com o grupo, mais do que a pertença objetiva, que se relaciona com as características associadas ao machismo.

Pertença a Grupos Exclusivamente Masculinos

A ausência de diferenças em função da pertença ganha significado à luz da investigação sobre estes contextos. Por exemplo, a meta-análise de Murnen e Kohlman (2007), centrada em equipas desportivas universitárias e fraternidades norte-americanas, encontrou associações moderadas entre a pertença a estes grupos e atitudes de apoio à agressão sexual, mas também uma variabilidade considerável entre estudos. Já Nickodem et al. (2023) verificaram que a associação entre o tipo de desporto praticado e a perpetração de assédio sexual desaparecia quando consideradas outras variáveis, sendo as atitudes de desvalorização da violência sexual e as características do grupo de amigos mais relevantes do que a modalidade praticada.

Humphrey e Kahn (2000) ajudaram a esclarecer esta variabilidade ao demonstrar que apenas os grupos percecionados como de risco se distinguiam dos restantes estudantes em medidas de hostilidade para com as mulheres e de agressão sexual, não se verificando o mesmo nos grupos de baixo risco. Por outro lado, a exposição a normas alternativas pode levar os homens a aderir menos à masculinidade tradicional (Borinca & Gkinopoulos, 2025), o que sugere que as normas partilhadas num grupo não são necessariamente tradicionais nem imutáveis. A questão relevante parece, assim, não ser se os homens pertencem a um grupo exclusivamente masculino, mas a que grupo pertencem e que normas nele prevalecem.

No presente estudo, a categoria de pertença reuniu contextos muito distintos, maioritariamente desportivos e académicos, mas também recreativos, culturais, profissionais e religiosos, dificilmente comparáveis às fraternidades que dominam a literatura internacional. Em Portugal, apesar da escassez de investigação neste domínio, estudos sobre o contexto universitário descrevem a coexistência de um discurso oficial igualitário com formas de sexismo quotidiano (Pereira, 2017). A praxe, tradição à qual muitos grupos académicos se encontram ligados, assenta em relações hierárquicas baseadas na antiguidade (Silva et al., 2019), tendo a maioria dos estudantes de uma universidade portuguesa relatado situações de assédio moral durante este ritual (Sales Oliveira et al., 2016). É, por isso, plausível que grupos com normas tradicionais e grupos com normas mais igualitárias coexistam na mesma categoria e que os seus efeitos se anulem quando comparados com os participantes sem pertença. Acresce

que os homens do grupo de comparação não estão necessariamente afastados da socialização masculina. Flood (2007) mostrou que as relações entre homens organizam de forma significativa a sexualidade e as relações com mulheres, em jovens adultos, funcionando os outros homens como a audiência perante a qual a masculinidade é demonstrada. Os participantes que nunca integraram um grupo formal estão, muito provavelmente, inseridos em redes informais de pares masculinos, pelo que a comparação realizada contrasta dois tipos de contexto homossocial, e não apenas a presença ou ausência desse contexto. Este resultado não contraria, portanto, a relevância atribuída pela literatura aos contextos masculinos; indica, antes, que o seu contributo não decorre da estrutura formal do grupo, mas dos processos psicológicos que nele se estabelecem, como sugerem os resultados relativos à identificação.

Identificação com o Grupo

A primeira hipótese foi suportada em três das quatro dimensões avaliadas. Estes resultados são coerentes com a proposta central da abordagem da identidade social, segundo a qual a influência de um grupo depende da importância psicológica que este assume para o indivíduo (Tajfel & Turner, 1979; Terry & Hogg, 1996). Jetten et al. (1997) demonstraram experimentalmente que, quando um grupo valoriza o favorecimento dos seus membros em relação a outros grupos, os participantes que mais se identificam com o grupo tendem a seguir essa norma mais do que os que não se identificam tanto. O contraste entre a ausência de efeito da pertença e o efeito da identificação corresponde, assim, ao padrão previsto pela teoria.

Para que a identificação se associe a mais características machistas numa amostra que reúne grupos tão diversos, é necessário que, em média, as normas percebidas nestes grupos se aproximem de conceções tradicionais de masculinidade, ou que o próprio grupo masculino, independentemente das atividades que o grupo desenvolve, integre expectativas desse tipo (Bird, 1996; Iacoviello et al., 2022). Uma explicação alternativa poderá ser que homens com atitudes mais tradicionais podem encontrar nestes grupos um contexto mais congruente com a sua identidade e, por isso, identificar-se mais com eles. Treat et al. (2021), num estudo longitudinal com estudantes universitários, verificaram que processos de seleção e de socialização contribuíam simultaneamente para a relação entre a pertença a fraternidades e a agressão sexual, o que é consistente com a bidirecionalidade entre identificação e adesão às normas.

Quando a identificação foi analisada em conjunto com a perceção de machismo, o número de grupos e o tempo de pertença, apenas a associação com as Expectativas Sexuais e

de Posse se manteve significativa. Este fenómeno pode ser explicado por ser esta a dimensão mais diretamente ligada à vida dos grupos masculinos, uma vez que a atividade sexual é considerada uma via central para a obtenção de estatuto entre homens jovens, sendo as experiências sexuais relatadas, avaliadas e validadas no grupo de pares (Flood, 2007). Os itens relativos à posse, por sua vez, remetem para o conceito de *proprietariness* (Hannawa et al., 2006), que descreve a perceção de direito sobre a parceira. Nos grupos masculinos, o controlo sobre a parceira pode funcionar também como uma demonstração de masculinidade perante os outros homens, sendo precisamente o tipo de comportamento que é observado e comentado entre pares (Flood, 2007). É, assim, nas expectativas sobre sexualidade e posse que a validação entre homens parece exercer um papel mais direto.

A ausência de associação com o Controlo e Tolerância à Violência não indica, necessariamente, que esta dimensão seja alheia aos processos de influência grupal. Este fenómeno pode dever-se ao facto de este fator apresentar uma variabilidade muito reduzida, com pelo menos metade dos participantes a obter a pontuação mínima, o que limita estatisticamente a possibilidade de detetar qualquer associação.

Tempo de Pertença

A segunda hipótese assentava na ideia de que uma pertença prolongada implica uma exposição acumulada às normas do grupo (Levine, 2025; Roth et al., 2018). A ausência de associação sugere que a relação entre o tempo e a influência do grupo é menos linear do que esta formulação pressuporia. Van Veelen et al. (2016) verificaram que, nas fases iniciais da pertença, a identificação assenta sobretudo na atração entre os membros, e que só mais tarde, com a pertença consolidada, passa a associar-se à valorização do próprio grupo face aos outros. A mesma duração de pertença pode, assim, corresponder a relações com o grupo qualitativamente diferentes, e uma pertença longa não garante um envolvimento continuado, podendo o indivíduo manter-se formalmente no grupo, mas com uma participação progressivamente menor.

Roth et al. (2018) sugerem que a duração fortalece a ligação ao grupo sobretudo quando a pertença é significativa para o indivíduo, o que indica que o efeito do tempo poderá também depender da identificação. Por outro lado, a amostra incluiu antigos membros, para os quais o tempo decorrido desde a saída do grupo, não avaliado, poderá ter atenuado a influência das normas grupais. Por fim, a exposição prolongada só deverá associar-se a mais características machistas em grupos que as promovam abertamente.

Identificação e Perceção de Machismo no Grupo

A terceira hipótese previa que os participantes com mais características associadas ao machismo percecionassem menos machismo no seu grupo, com base na evidência de que o reconhecimento de comportamentos discriminatórios depende das atitudes de quem os avalia (Ortabag et al., 2014). Os resultados não confirmaram esta associação. Contudo, a análise exploratória revelou que o processo de menor reconhecimento parece estar presente, mas associado à identificação com o grupo e não às atitudes individuais: quanto maior a identificação, menor a perceção de crenças e comportamentos machistas no grupo ($r = -.29$).

Este resultado é consistente com a investigação sobre a proteção da imagem do endogrupo. Doosje et al. (1998) mostraram que, quando são salientes tanto aspetos positivos como negativos da história do grupo, os membros que mais se identificam com o grupo reconhecem menos os aspetos negativos e experienciam menos culpa associada a esses aspetos do que os que menos se identificam. Combinado com os resultados da primeira hipótese, este padrão tem uma implicação relevante: os membros que mais se identificam com o grupo são simultaneamente os que apresentam mais características associadas ao machismo e os que menos reconhecem o machismo no grupo. Este resultado sugere um processo de normalização, no qual aquilo que é partilhado no grupo deixa de ser identificado como machista por quem mais o valoriza, daí decorrendo que os jovens homens rejeitam a etiqueta de misóginos sem questionarem as práticas que a justificariam (O'Rourke & Haslop, 2025).

A ausência de associação entre as atitudes individuais e a perceção de machismo no grupo deve também ser compreendida à luz da natureza das perceções de normas. A investigação neste domínio mostra que os indivíduos percecionam, frequentemente, as normas do seu grupo de forma enviesada, e que os homens tendem a sobrestimar o sexismo dos seus pares (Kilmartin et al., 2008; Prentice & Miller, 1993) e o quanto os guiões sexuais associados à masculinidade tradicional são desejados pelos outros homens, sendo esta sobrestimação mais acentuada entre os que relatam comportamentos sexualmente agressivos (Casey et al., 2020). A perceção de machismo no grupo poderá, assim, refletir não apenas as normas efetivas do grupo, mas também a posição do próprio face a ele, o que dificulta a identificação de uma associação direta com as atitudes individuais.

Experiência de Relações Românticas

A quarta hipótese baseava-se na evidência de que as relações íntimas podem constituir contextos de negociação de papéis de género mais igualitários (Oliffe et al., 2023), num período

do desenvolvimento em que estas conceções ainda se encontram em construção (Kretschmer, 2024). No entanto, os resultados não revelaram diferenças entre os participantes com e sem experiência de relação. Uma leitura possível é a de que as relações românticas não atuam num único sentido. A investigação sobre sexismo em contextos íntimos mostra que as atitudes sexistas estão ligadas às dinâmicas das relações, sendo a necessidade de segurança na relação central para ambas as formas de sexismo, uma vez que o sexismo benevolente oferece segurança relacional aos homens através da idealização de papéis de género tradicionais na relação, enquanto o sexismo hostil envolve inseguranças face à dependência da parceira e prediz agressão relacional quando essa dependência é percebida como arriscada (Hammond et al., 2020). No presente estudo, esta ambivalência é particularmente pertinente para as Expectativas Sexuais e de Posse, cujos itens de "ciúme" e de "direito a saber onde a parceira se encontra" descrevem comportamentos que surgem precisamente no contexto de uma relação. A experiência relacional poderá, deste modo, favorecer o questionamento de algumas crenças e reforçar outras, resultando num efeito global nulo.

Importa ainda considerar que a hipótese contrastou a presença e a ausência de experiência relacional. A duração da relação considerada mais significativa, analisada complementarmente, também não se associou às dimensões avaliadas, o que sugere que o eventual efeito das relações dependerá menos do seu tempo do que da sua natureza, como o grau de igualdade entre os parceiros ou a forma como são negociados os papéis na relação. Acresce, por último, que o grupo sem experiência de relação era reduzido (n = 19), não permitindo excluir a existência de diferenças que, sendo pequenas, exigiriam uma amostra maior para serem detetadas.

Formas Explícitas e Subtis de Machismo

Um resultado transversal às análises merece destaque. O Controlo e Tolerância à Violência apresentou pontuações muito próximas do valor mínimo possível, enquanto as Expectativas Sexuais e de Posse, a dimensão cujos itens descrevem crenças mais normalizadas e menos explicitamente violentas, obtiveram a média mais elevada. Este padrão é consistente com a distinção entre formas tradicionais e formas modernas de preconceito, uma vez que o machismo se torna progressivamente mais subtil e encoberto, caracterizando-se sobretudo pela negação de que a discriminação contra as mulheres ainda existe (Swim et al., 1995), um conteúdo próximo do da Negação da Violência e da Discriminação de Género.

Nesta amostra de jovens adultos, o machismo expressa-se menos sob a forma de aceitação explícita da violência e do controlo, e mais sob a forma de expectativas sobre sexualidade e relações que dificilmente são reconhecidas como machistas. Este resultado converge com a literatura que descreve a masculinidade contemporânea como um compromisso entre a adesão a valores igualitários e a manutenção de práticas tradicionais (Aho & Peltola, 2023; O'Rourke & Haslop, 2025) e, no contexto português, com a coexistência, nas universidades, de um discurso oficial igualitário e de uma cultura informal marcada por formas de sexismo quotidiano (Pereira, 2017).

Limitações

Os resultados devem ser interpretados à luz de algumas limitações. Em primeiro lugar, o desenho transversal não permite estabelecer relações causais nem determinar se a identificação com o grupo contribui diretamente para a adoção de características associadas ao machismo ou se, pelo contrário, os homens que já apresentam estas características tendem a identificar-se mais com grupos exclusivamente masculinos (Treat et al., 2021). Além disso, a amostragem por conveniência, a recolha online e a participação voluntária limitam a generalização dos resultados e podem ter favorecido a participação de homens mais sensibilizados para as questões de género, o que poderá ter contribuído para os valores globalmente baixos observados.

Outra limitação prende-se com o facto de as normas de cada grupo não terem sido avaliadas diretamente, nem terem sido incluídos vários membros do mesmo grupo, o que impediu testar a explicação baseada na heterogeneidade normativa dos grupos. A perceção de machismo no grupo foi avaliada através de um único item global, o que limita a sua fiabilidade e a sua correspondência com as quatro dimensões individuais. Adicionalmente, algumas análises envolveram subamostras reduzidas, nomeadamente o grupo sem experiência de relação, com apenas 19 participantes, dos quais oito pertenciam a grupos exclusivamente masculinos. Amostras de menor dimensão reduzem a sensibilidade da análise e a precisão das estimativas, pelo que a ausência de resultados significativos não permite concluir que as associações ou diferenças em causa não existam.

Importa, ainda, referir que o recurso exclusivo ao autorrelato torna os resultados mais vulneráveis à desejabilidade social (Sugarman & Hotaling, 1997), podendo a concentração das respostas nos valores mais baixos do Controlo e Tolerância à Violência constituir uma possível manifestação deste fenómeno. Por último, o instrumento utilizado foi desenvolvido no âmbito

do presente estudo. Não foi possível, dadas as limitações de tempo para a sua realização, conduzir um estudo piloto nem uma avaliação da clareza dos itens por especialistas ou por participantes da população-alvo, pelo que não é possível garantir que todos os itens tenham sido interpretados da forma pretendida. Eventuais ambiguidades poderão ter contribuído para que alguns itens não se distinguissem claramente entre fatores e para a menor consistência interna de um deles.

Investigação Futura

Primeiramente, a avaliação direta das normas de cada grupo, nas mesmas dimensões avaliadas a nível individual, permitiria testar se a identificação se associa a mais características machistas apenas em grupos cujas normas as promovem, tal como sugere a investigação sobre o papel moderador das normas grupais (Jetten et al., 1997). Um desenho com vários membros por grupo permitiria ainda estimar as normas do grupo a partir do conjunto dos seus membros, distinguindo-as da perceção individual de cada participante e contornando os potenciais enviesamentos associados à perceção de normas (Prentice & Miller, 1993).

Seria igualmente pertinente analisar, separadamente, tipos específicos de grupos exclusivamente masculinos, em particular no contexto português. Na presente amostra, a maioria dos participantes integrava grupos desportivos ou académicos, contextos com dinâmicas e tradições próprias que dificilmente são captadas por uma categoria única de pertença. As tunas académicas constituem um exemplo particularmente relevante, dada a sua presença marcante na vida académica portuguesa. Não obstante esta relevância, não foram identificados estudos que analisassem o papel destes grupos na construção das atitudes de género dos seus membros. A comparação entre tunas, equipas desportivas e outros grupos exclusivamente masculinos, bem como entre grupos do mesmo tipo, permitiria compreender que características dos contextos, como as normas, as práticas de integração ou a estrutura hierárquica, se associam à expressão de características machistas, contribuindo para intervenções adaptadas à realidade de cada grupo.

Seria também relevante recorrer a estudos longitudinais que acompanhem os participantes antes e depois da entrada num grupo, que permitam distinguir processos de seleção e de socialização (Treat et al., 2021) e analisar a forma como a identificação e o tempo de pertença evoluem em conjunto ao longo das diferentes fases da relação com o grupo (van Veelen et al., 2016). Paralelamente, abordagens qualitativas poderiam aprofundar a forma como as expectativas sobre sexualidade e posse são comunicadas e validadas no interior dos grupos

e explorar os mecanismos através dos quais o machismo partilhado deixa de ser reconhecido como tal pelos membros que mais se identificam com o grupo.

Adicionalmente, o instrumento desenvolvido deverá ser replicado numa nova amostra, recorrendo a uma análise fatorial confirmatória, o que permitiria testar se a estrutura de quatro fatores se mantém em dados independentes e não resulta das características específicas da presente amostra. No que respeita às relações românticas, seria relevante considerar a qualidade e a igualdade percebida, em vez da sua mera existência. Por último, os resultados sugerem que os próprios grupos exclusivamente masculinos poderão constituir contextos privilegiados de intervenção, sendo pertinente avaliar programas que trabalhem com os grupos como um todo, recorrendo, por exemplo, à correção das perceções sobrestimadas do sexismo e das normas sexuais dos pares (Casey et al., 2020; Kilmartin et al., 2008).

Conclusão

O presente estudo procurou compreender se os homens que pertencem a grupos formais exclusivamente masculinos apresentam mais características associadas ao machismo do que os restantes. Não foram encontradas diferenças significativas, mas os resultados indicam que a questão mais relevante não é a pertença em si, mas sim a relação que cada homem estabelece com o grupo.

A pertença, por si só, não distinguiu os participantes em nenhuma das dimensões avaliadas, mas a identificação com o grupo associou-se a níveis mais elevados na Negação da Violência e da Discriminação de Género, nas Expectativas Sexuais e de Posse e nos Papéis de Género. Este contraste sugere que os grupos exclusivamente masculinos não devem ser entendidos como contextos de risco em si mesmos. A sua relevância para as atitudes de género parece depender da importância psicológica que assumem para cada membro e, previsivelmente, das normas que neles são partilhadas, uma dimensão a requerer aprofundamento em futuros estudos.

Um segundo contributo decorre da relação entre identificação e perceção de machismo. Os membros que mais se identificam com o grupo apresentaram mais características associadas ao machismo e, simultaneamente, perceberam menos machismo no seu grupo. Este padrão sugere que o machismo partilhado num grupo pode tornar-se menos visível precisamente para quem mais o valoriza.

Por último, os resultados mostram que o machismo não se manifesta de forma uniforme. A aceitação explícita do controlo e da violência foi praticamente inexistente, enquanto as expectativas sobre sexualidade e posse, mais subtis e socialmente normalizadas, obtiveram os valores mais elevados e foram as que mais consistentemente se associaram à identificação com o grupo. Nesta geração de jovens adultos, o machismo parece sobreviver menos naquilo que é abertamente reconhecido como tal e mais naquilo que passa despercebido. Consideramos que o desenvolvimento de um estudo de natureza qualitativa, fenomenológica, que permitisse aprofundar a exploração desta questão se revela fundamental.

Estas conclusões podem ser importantes para a prevenção da violência de género, uma vez que, por exemplo, intervenções centradas apenas nas formas explícitas de violência poderão dirigir-se às crenças que os jovens já rejeitam, deixando intocadas aquelas que efetivamente mantêm e que poderão estar mais diretamente relacionadas com a legitimação de comportamentos abusivos. Adicionalmente, se a identificação com o grupo torna as suas normas mais influentes, os próprios grupos masculinos, como as equipas desportivas ou as tunas académicas, podem constituir contextos privilegiados de intervenção. O mesmo mecanismo que contribui para a reprodução de normas tradicionais pode ser usado para promover normas igualitárias, desde que a mudança seja construída com os grupos e não apenas dirigida aos indivíduos que os integram.

Referências

Aho, T., & Peltola, M. (2023). Doing respectable heteromasculinities in boys and young men's talk on sexual encounters. *Men and Masculinities, 26*(2), 210-228. https://doi.org/10.1177/1097184X221145959

Andrade, C. (2020). The limitations of online surveys. *Indian Journal of Psychological Medicine, 42*(6), 575–576. https://doi.org/10.1177/0253717620957496

Anzani, A., Pavanello Decaro, S., Paganin, G., Siboni, L., Portolani, D., & Prunas, A. (2024). reimagining masculinity: Models of masculinities in Italian cisgender and transgender emerging adults. *Sexuality & Culture, 28*(5), 2268–2288. https://doi.org/10.1007/s12119-024-10229-9

Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. General Learning Press.

Bareket, O., & Fiske, S. T. (2023). A systematic review of the ambivalent sexism literature: Hostile sexism protects men's power; benevolent sexism guards traditional gender roles. *Psychological Bulletin, 149*(11–12), 637–698. https://doi.org/10.1037/bul0000400

Bird, S. R. (1996). Welcome to the men's club: Homosociality and the maintenance of hegemonic masculinity. *Gender & Society, 10*(2), 120–132. https://doi.org/10.1177/089124396010002002

Borinca, I., & Gkinopoulos, T. (2025). Challenging traditional masculinity: Minority norms and the reimagining of male gender roles. *Social Influence, 20*(1), Artigo 2538627. https://doi.org/10.1080/15534510.2025.2538627

Casey, E. A., Masters, N. T., & Beadnell, B. (2020). Social norms: Are sexually aggressive men more likely to misperceive other men's sexual desires and behavior? *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 29*(8), 917–935. https://doi.org/10.1080/10926771.2019.1711278

Dasgupta, M. (2017). Impact of peer group in the development and construction of masculinity. I*nternational Journal of Interdisciplinary and Multidisciplinary Studies (IJIMS), Vol 4, (*No.2,192–197. 192), 192–197. https://www.researchgate.net/publication/379190249_Impact_of_peer_group_in_the_development_and_construction_of_masculinity

Díaz-Aguado, M. J., & Martínez Arias, R. (2001). *La construcción de la igualdad y la prevención de la violencia contra la mujer desde la educación secundaria*. Instituto de la Mujer.

Doosje, B., Branscombe, N. R., Spears, R., & Manstead, A. S. R. (1998). Guilty by association: When one's group has a negative history. *Journal of Personality and Social Psychology, 75*(4), 872–886. https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.4.872

Emmerink, P. M. J., Vanwesenbeeck, I., van den Eijnden, R. J. J. M., & ter Bogt, T. F. M. (2016). Psychosexual correlates of sexual double standard endorsement in adolescent sexuality. *The Journal of Sex Research, 53*(3), 286–297. https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1030720

Endendijk, J. J., Deković, M., Vossen, H., van Baar, A. L., & Reitz, E. (2022). Sexual double standards: Contributions of sexual socialization by parents, peers, and the media. *Archives of sexual behavior, 51*(3), 1721-1740. https://doi.org/10.1007/s10508-021-02088-4

Endendijk, J. J., van Baar, A. L., & Deković, M. (2019). He is a stud, she is a slut! A meta-analysis on the continued existence of sexual double standards. *Personality and Social Psychology Review, 24*(2), 163–190. https://doi.org/10.1177/1088868319891310

Fernandes, N. C., & da Natividade, C. D. S. J. (2020). A naturalização da violência contra a mulher. *Brazilian Journal of Development, 6*(10), 76076-76086. https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-145

Flood, M. (2007). Men, sex, and homosociality: How bonds between men shape their sexual relations with women. *Men and Masculinities, 10*(3), 339–359. https://doi.org/10.1177/1097184X06287761

Gerger, H., Kley, H., Bohner, G., & Siebler, F. (2007). The acceptance of modern myths about sexual aggression scale: development and validation in German and English. *Aggressive Behavior, 33*(5), 422–440. https://doi.org/10.1002/ab.20195

Glick, P., Fiske, S. T., Mladinic, A., Saiz, J. L., Abrams, D., Masser, B., et al. (2000). Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology, 79*(5), 763–775. https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.5.763

Hammond, M. D., Cross, E. J., & Overall, N. C. (2020). Relationship (in)security is central to the sources and outcomes of sexist attitudes. *Social and Personality Psychology Compass, 14*, Artigo e12522. https://doi.org/10.1111/spc3.12522

Hammond, M. D., Singh, N., & Karl, J. A. (2025). The global decline in sexism: A multilevel meta-analytic review of trends in countries' hostile sexism, benevolent sexism, and gender inequality over time. *Psychological Bulletin, 151*(8), 941–985. https://doi.org/10.1037/bul0000485

Hannawa, A. F., Spitzberg, B. H., Wiering, L., & Teranishi, C. (2006). "If I can't have you, no one can": Development of a Relational Entitlement and Proprietariness Scale (REPS). *Violence and Victims, 21*(5), 539–560. https://doi.org/10.1891/vivi.21.5.539

Humphrey, S. E., & Kahn, A. S. (2000). Fraternities, athletic teams, and rape: Importance of identification with a risky group. *Journal of Interpersonal Violence, 15*(12), 1313–1322. https://doi.org/10.1177/088626000015012005

Hyde, A., Drennan, J., Howlett, E., & Brady, D. (2008). Young men's vulnerability in constituting hegemonic masculinity in sexual relations. *American Journal of Men's Health, 3*(3), 238–251. https://doi.org/10.1177/1557988308319730

Iacoviello, V., Valsecchi, G., Berent, J., Borinca, I., & Falomir-Pichastor, J. M. (2021). Is traditional masculinity still valued? Men's perceptions of how different reference groups value traditional masculinity norms. *The Journal of Men's Studies*, *30*(1), 106082652110188. https://doi.org/10.1177/10608265211018803

Jetten, J., Spears, R., & Manstead, A. S. R. (1997). Strength of identification and intergroup differentiation: The influence of group norms. *European Journal of Social Psychology, 27*(5), 603–609. https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199709/10)27:5<603::AID-EJSP816>3.0.CO;2-B

Jiménez Aceves Tarzia, J. (2024). Understanding the perspectives and experiences of male perpetrators of sexual violence against women: A scoping review and thematic synthesis. *Trauma, Violence, & Abuse, 25*(4), 3226–3240. https://doi.org/10.1177/15248380241241014

Kilmartin, C., Smith, T., Green, A., Heinzen, H., Kuchler, M., & Kolar, D. (2008). A real time social norms intervention to reduce male sexism. *Sex Roles, 59*, 264–273. https://doi.org/10.1007/s11199-008-9446-y

Klik, K. A., Utomo, M. C., Jones, B., Batalha, L., Tropp, L., & Reynolds, K. (2025). Social identity processes in the field: The role of group norms and social identification in prejudice reduction. *Journal of Applied Social Psychology, 55*(9), 663–677. https://doi.org/10.1111/jasp.70005

Kotvas, K., & Strough, J. (2026). Measuring gender segregation in emerging adulthood: Why it matters how we ask. *Frontiers in Developmental Psychology, 3,* Artigo 1711011. https://doi.org/10.3389/fdpys.2025.1711011

Kretschmer, D. (2024). The gendered influence of cross-gender friends on the development of adolescents' gender role attitudes. *Sex Roles, 90*, 1218–1233. https://doi.org/10.1007/s11199-024-01505-x

Levine, J. M. (2025). Intragroup processes in social psychology: My past, our present, your future. *Small Group Research, 56*(3), 367–391. https://doi.org/10.1177/10464964241259390

Lindsey, E. W. (2016). Same-gender peer interaction and preschoolers' gender-typed emotional expressiveness. *Sex Roles*, *75*(5–6), 231–242. https://doi.org/10.1007/s11199-016-0601-6

Menon, V., & Muraleedharan, A. (2020). Internet-based surveys: Relevance, methodological considerations and troubleshooting strategies. *General Psychiatry, 33*, Artigo e100264. https://doi.org/10.1136/gpsych-2020-100264

Murnen, S. K., & Kohlman, M. H. (2007). Athletic participation, fraternity membership, and sexual aggression among college men: A meta-analytic review. *Sex Roles, 57*, 145–157. https://doi.org/10.1007/s11199-007-9225-1

Nickodem, K. K., Basile, K. C., Espelage, D. L., Leemis, R. W., Ingram, K. M., & Barbero, C. (2023). Sports participation, social networks, and sexual violence perpetration. *Journal of Interpersonal Violence, 38*(1–2), 1690–1717. https://doi.org/10.1177/08862605221092067

Nielson, M. G., Ward, L. M., Seabrook, R. C., & Giaccardi, S. (2022). The roots and fruits of masculinity: Social antecedents and sexual relationship consequences of young men's adherence to masculine norms. *The Journal of Sex Research, 59*(7), 897–910. https://doi.org/10.1080/00224499.2022.2049188

Oliffe, J. L., Kelly, M. T., Gao, N., Mootz, J., Seidler, Z. E., & Rice, S. M. (2023). Neo-traditionalist, egalitarian and progressive masculinities in men's heterosexual intimate partner relationships. *Social Science & Medicine*, 333, Artigo 116143. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2023.116143

O'Rourke, F., & Haslop, C. (2025). 'We're respectful boys … we're not misogynistic!': Analysing defensive, contradictory and changing performances of masculinity within young men's in-person and digitally mediated homosocial spaces. *Journal of Gender Studies, 34*(6), 848–865. https://doi.org/10.1080/09589236.2024.2335627

Ortabag, T., Ozdemir, S., Bebiş, H., & Ceylan, S. (2014). Perspectives of young adult men regarding violence against women: A cross-sectional study from Turkey. *Journal of Family Violence, 29*(6), 665-674. https://doi.org/10.1007/s10896-014-9617-2

Pereira, M. do M. (2017). *Power, knowledge and feminist scholarship: An ethnography of academia*. Routledge.

Prentice, D. A., & Miller, D. T. (1993). Pluralistic ignorance and alcohol use on campus: Some consequences of misperceiving the social norm. *Journal of Personality and Social Psychology, 64*(2), 243–256. https://doi.org/10.1037/0022-3514.64.2.243

Rathbone, J. A., Cruwys, T., Stevens, M., Ferris, L. J., & Reynolds, K. J. (2023). The reciprocal relationship between social identity and adherence to group norms. *British Journal of Social Psychology, 62,* 1346–1362. https://doi.org/10.1111/bjso.12635

Roth, J., Steffens, M. C., & Vignoles, V. L. (2018). Group membership, group change, and intergroup attitudes: A recategorization model based on cognitive consistency principles. *Frontiers in Psychology, 9*, Artigo 479. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00479

Sales Oliveira, C., Villas-Boas, S., & Las Heras, S. (2016). Assédio no ritual da praxe académica numa universidade pública portuguesa. *Sociologia, Problemas e Práticas, (80)*, 49–67. http://journals.openedition.org/spp/2073

Shawcroft, J., Rogers, A. A., & Nielson, M. G. (2024). Endorsement of masculine-typed behaviors decreases during middle adolescence: The contextualizing role of peer experiences for adolescents living in the United States. *Journal of Youth and Adolescence, 53*(2), 416–431. https://doi.org/10.1007/s10964-023-01861-z

Silva, J. P., Estanque, E., Mineiro, J., Sebastião, J., & Lopes, J. T. (2019). Antiguidade e poder simbólico na praxe académica. *Análise Social, 54*(232), 438–460. https://doi.org/10.31447/as00032573.2019232.01

Stewart, D. E., MacMillan, H., & Kimber, M. (2021). Recognizing and responding to intimate partner violence: An update. *The Canadian Journal of Psychiatry, 66*(1), 74–106. https://doi.org/10.1177/0706743720939676

Sugarman, D. B., & Hotaling, G. T. (1997). Intimate violence and social desirability: A meta-analytic review. *Journal of Interpersonal Violence, 12*(2), 275–290. https://doi.org/10.1177/088626097012002008

Swim, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S., & Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*(2), 199–214. https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.2.199

Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), The social psychology of intergroup relations (pp. 33–47). Brooks/Cole.

Terry, D. J., & Hogg, M. A. (1996). Group norms and the attitude–behavior relationship: A role for group identification. *Personality and Social Psychology Bulletin, 22*(8), 776–793. https://doi.org/10.1177/0146167296228002

Treat, T. A., Corbin, W. R., Papova, A., Richner, K., Craney, R., & Fromme, K. (2021). Selection and socialization accounts of the relation between fraternity membership and sexual aggression. *Psychology of Addictive Behaviors*, *35*(3). https://doi.org/10.1037/adb0000662

van Veelen, R., Eisenbeiss, K. K., & Otten, S. (2016). Newcomers to social categories: Longitudinal predictors and consequences of ingroup identification. *Personality and Social Psychology Bulletin, 42*(6), 811–825. https://doi.org/10.1177/0146167216643937

Batista Viana, A. J., & Soares Sousa, E. S. (2016). O poder (in)visível da violência sexual: Abordagens Sociológicas De Pierre Bourdieu. *Revista de Ciências Sociais*, *45*(2), 155–183. https://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2506

Hoyle, R. H. (1995). *Structural equation modeling*. SAGE.

Wood, W., & Eagly, A. H. (2002). A cross-cultural analysis of the behavior of women and men: Implications for the origins of sex differences. *Psychological Bulletin, 128*(5), 699–727. https://doi.org/10.1037/0033-2909.128.5.699

Apêndice – Consentimento Informado e Escala de Características Associadas ao Machismo (ECAM; Sampaio & Manita, 2026)

O presente estudo está a ser desenvolvido na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Psicologia, pela estudante Beatriz Sampaio, sob a orientação da Professora Doutora Celina Manita. O presente estudo é desenvolvido para fins de investigação científica, não envolvendo nenhum tipo de recompensa monetária. Antes de decidir participar, solicitamos a leitura da informação abaixo. Este estudo tem como propósito analisar a forma como pessoas do sexo masculino, entre os 18 e os 25 anos, e que sentem atração física e/ou romântica por mulheres, percebem o que é ser homem e o que é ser mulher, assim como a relação entre estes. Para tal, pedimos-lhe que responda a um questionário constituído por perguntas de escolha múltipla, resposta curta e escalas de concordância, com uma duração aproximada de 8 minutos, variando conforme o ritmo de cada pessoa. A sua participação neste estudo é voluntária, pelo que, se em qualquer momento, quiser desistir, poderá fazê-lo, sem prejuízo para si ou necessidade de justificação. Os dados serão recolhidos de forma anónima e o armazenamento e tratamento das respostas seguirão as normas do Regulamento Geral de Proteção de Dados pessoais (RGPD). Todos os procedimentos de recolha de dados foram pensados de forma a cumprir as normas éticas exigíveis a um estudo científico e a não pôr em causa o seu bem-estar, uma vez que se procura, apenas, uma reflexão sobre perceções pessoais. Contudo, se alguma pergunta o deixar desconfortável, recordamos que poderá não responder a essa questão, podendo, também, se assim o entender, desistir da sua participação a qualquer momento. Se, ainda assim, depois de responder a este questionário, sentir algum tipo de desconforto emocional / psicológico, encontrará listadas algumas instituições a que poderá recorrer para obter apoio psicológico. Se pretender obter informações adicionais sobre o estudo ou sobre os resultados da investigação, pode contactar as investigadoras através dos endereços eletrónicos up202106261@up.pt ou celina@up.pt.

Se concordar, assinale no local indicado:

- ○ Considero que recebi informação suficiente para uma participação informada.
- ○ Tenho mais de 18 anos.
- ○ Sou um homem cisgénero.

- ◯ Sinto atração romântica/sexual por mulheres.
- ◯ Declaro que aceito participar nesta investigação.

Idade

Grau de escolaridade:

- ◯ Ensino Básico
- ◯ Ensino Secundário
- ◯ Licenciatura
- ◯ Mestrado
- ◯ Doutoramento

Área de formação académica:

Está a trabalhar atualmente ou já trabalhou?

- ◯ Sim
- ◯ Não

Zona de residência

Já alguma vez esteve envolvido numa relação romântica / sexual com uma mulher?

- ◯ Sim
- ◯ Não

Apresentar esta pergunta:
Se: Já alguma vez esteve envolvido numa relação romântica / sexual com uma mulher? = Sim

Se sim, qual foi a duração aproximada, em meses, da relação que considera ter sido a mais significativa / importante para si?

_____

Apresentar esta pergunta:
Se: Já alguma vez esteve envolvido numa relação romântica / sexual com uma mulher? = Sim

E, atualmente, está envolvido em alguma relação romântica / sexual com uma mulher significativa para si?

- ○ Sim
- ○ Não

Pertence, atualmente, ou já pertenceu a algum grupo formal constituído exclusivamente por homens? (Considera-se grupo formal um grupo com identidade própria, objetivos e atividades definidos, no qual os membros participam de forma regular, como, por exemplo, equipas desportivas, associações académicas, grupos religiosos, organizações juvenis, clubes recreativos, associações profissionais, grupos online, etc. Não estão aqui incluídos grupos informais de amigos, grupos de convívio ocasional ou sem objetivos ou regras definidos).

- ○ Sim
- ○ Não

Apresentar esta pergunta:
Se "Pertence, atualmente, ou já pertenceu a algum grupo formal constituído exclusivamente por homens?" = Sim

Se sim, indique a quantos grupos pertence atualmente

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nº de grupos (1)



Apresentar esta pergunta:
Se: Se sim, indique a quantos grupos pertence atualmente [Nº de grupos] = 0

Indique, por favor, caso já tenha integrado outros grupos similares, no passado, a quantos grupos formais masculinos pertenceu

1 2 3 4 5 6 6 7 8 9 10

Nº de grupos (1)



Apresentar esta pergunta:
Se: Pertence, atualmente, ou já pertenceu a algum grupo formal constituído exclusivamente por homens? = Sim

Considere o grupo formal exclusivamente masculino a que pertence/pertenceu mais impactante para si. Qual das opções descreve melhor a finalidade deste grupo? Selecione apenas uma opção.

- ○ Equipa, clube ou associação desportiva
- ○ Grupo académico (ex: tuna)
- ○ Grupo religioso ou espiritual
- ○ Organização militar, de segurança ou proteção
- ○ Associação profissional, ocupacional ou relacionada com uma atividade laboral
- ○ Grupo cultural ou artistico

- ○ Clube recreativo, técnico ou relacionado com um passatempo
- ○ Grupo comunitário, de voluntariado, saúde, apoio ou desenvolvimento pessoal
- ○ Organização politica ou religiosa
- ○ Outro. Qual?

Apresentar esta pergunta:
Se: Pertence, atualmente, ou já pertenceu a algum grupo formal constituído exclusivamente por homens? = Sim

Entre os grupos formais exclusivamente constituídos por homens a que pertence ou pertenceu, selecione aquele em que considera que os restantes membros do grupo tiveram maior influência sobre as suas opiniões, atitudes ou comportamentos. Com que idade integrou o grupo formal?

_____

Apresentar esta pergunta:
Se: Pertence, atualmente, ou já pertenceu a algum grupo formal constituído exclusivamente por homens? = Sim

Há quanto tempo faz (ou durante quanto tempo fez) parte do grupo?

_____

Apresentar esta pergunta:
Se: Pertence, atualmente, ou já pertenceu a algum grupo formal constituído exclusivamente por homens? = Sim

Com que frequência participa ou participava nas atividades do grupo?

- ○ Menos de uma vez por mês
- ○ Uma a três vezes por mês
- ○ Uma ou duas vezes por semana
- ○ Três ou mais vezes por semana

Apresentar esta pergunta:

Se: Pertence, atualmente, ou já pertenceu a algum grupo formal constituído exclusivamente por homens? = Sim

Numa escala de 1 a 5, indique:

	1	2	3	4	5
Qual foi ou é a importância deste grupo para si?	○	○	○	○	○
Até que ponto se identifica com este grupo?	○	○	○	○	○
Quão ligado se sente aos membros deste grupo?	○	○	○	○	○
Em que medida é que, dentro desse grupo, eram partilhadas crenças, comportamentos ou opiniões acerca de mulheres que poderiam ser vistos como machistas?	○	○	○	○	○

Indique, assinalando o número entre 1 e 7, em que 1 corresponde a discordo totalmente e o número 7 concordo totalmente, o seu grau de concordância com as seguintes afirmações.

	1	2	3	4	5	6	7
1 - A independência económica da mulher constitui um aspeto fundamental da sua autonomia enquanto pessoa.	○	○	○	○	○	○	○
2 - Tenho o direito de saber onde e com quem a minha parceira está,	○	○	○	○	○	○	○

ou com quem se relaciona / comunica quando não estou presente.							
3 - O aspeto mais importante na vida de uma mulher é a maternidade.	○	○	○	○	○	○	○
4 - Se uma pessoa do sexo oposto demonstrasse entusiasmo perante a presença da minha parceira, eu sentir-me-ia incomodado.	○	○	○	○	○	○	○
5 - Ser compreensivo e afetuoso é mais importante para as mulheres do que para os homens	○	○	○	○	○	○	○
6 - Se uma mulher convidar um homem para sua casa para tomar um café após uma saída noturna, isso significa que pretende ter relações sexuais.	○	○	○	○	○	○	○
7 - Hoje em dia há muitas queixas de violência contra os homens, feitas por mulheres, que são falsas.	○	○	○	○	○	○	○
8 - O facto de, em muitas empresas, as mulheres terem remunerações inferiores às dos homens no mesmo cargo, poderá dever-se a um menor desempenho por parte das mulheres	○	○	○	○	○	○	○
9 - Um bom pai deve afirmar perante a família a sua posição de autoridade	○	○	○	○	○	○	○
10 - A violência contra as mulheres existirá sempre, como	○	○	○	○	○	○	○

consequência de diferenças biológicas associadas ao sexo.							
11 - Tenho o direito de verificar o telemóvel da minha parceira e a respetiva lista de chamadas recentes.	○	○	○	○	○	○	○
12 - No que diz respeito ao contacto sexual, as mulheres esperam que sejam os homens a ter iniciativa.	○	○	○	○	○	○	○
13 - Quando uma mulher é agredida pelo marido, tal poderá dever-se a comportamentos provocatórios da parte dela.	○	○	○	○	○	○	○
14 - Interpretar gestos inocentes como "assédio sexual" é uma arma já conhecida na "guerra dos géneros".	○	○	○	○	○	○	○
15 - Atualmente, os homens que efetivamente cometem agressões sexuais contra mulheres são punidos de forma justa.	○	○	○	○	○	○	○
16 - Tenho o direito de vasculhar as gavetas, a mala ou os bolsos da minha parceira.	○	○	○	○	○	○	○
17 - Se uma mulher é vítima de maus-tratos por parte do companheiro e não o abandona, tal poderá indicar que não é totalmente contra a situação.	○	○	○	○	○	○	○
18 - É uma necessidade biológica dos homens aliviar a tensão sexual de tempo a tempo.	○	○	○	○	○	○	○

19 - A violência é igualmente condenável quando praticada por homens ou por mulheres.	○	○	○	○	○	○	○
20 - Em prol do bem-estar dos filhos, ainda que a mulher sofra violência por parte do marido ou companheiro, é preferível que não apresente denúncia.	○	○	○	○	○	○	○
21 - Quando um homem e uma mulher iniciam um envolvimento íntimo, as eventuais reservas que uma mulher tenha em relação ao ato sexual tendem a desaparecer.	○	○	○	○	○	○	○
22 - Muitas mulheres tendem a exagerar o problema da violência masculina.	○	○	○	○	○	○	○
23 - Hoje em dia, as mulheres vítimas de violência doméstica recebem demasiada atenção mediática.	○	○	○	○	○	○	○

FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**